

# Audiodescrição e sua relação com a Ciência da Informação, especialmente no âmbito da mediação

**Audio description and its relationship with Information Science, especially in the scope of mediation**

**Alexandre da Silva Conceição**, Universidade Federal de Sergipe - *in memoriam*<sup>1</sup>  
**Germana Gonçalves de Araújo**, Universidade Federal de Sergipe -  
germana@academico.ufs.br

## **Eixo 4 - Ciência da Informação: diálogos e conexões**

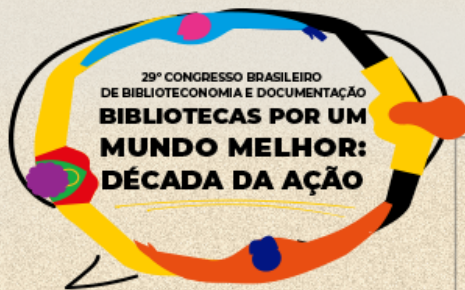
### **1 INTRODUÇÃO**

A relação da audiodescrição (AD) com o campo da Ciência da Informação (CI) já vem sendo explorada por autores do século XXI que compreendem o quanto é necessário o ato de intermediar a informação para determinados grupos de pessoas. Uma referência é Conceição (2017), que considera a informação audiodescritiva promotora da inclusão e da acessibilidade social no empoderamento de pessoas com deficiência visual. É nesse escopo que se justifica refletir sobre a mediação da informação por intermédio da audiodescrição, contribuindo, assim, no estudo da importância da AD para o acesso à informação.

Nessa perspectiva, o trabalho aqui proposto visa discutir a possibilidade da AD como recurso que atende à necessidade informacional das pessoas, principalmente as cegas ou com baixa visão, abrangendo ainda pessoas com transtorno intelectual, deficiência múltipla, indivíduos não alfabetizados e outros grupos que possam se beneficiar, tais como crianças, adolescentes, adultos e idosos. O debate se faz produtivo na medida em que se consegue estabelecer vínculo entre mediação da informação e AD, a fim de agregar valor ao trabalho exercido pelo profissional que media em unidades de informação, tais como arquivos, bibliotecas e museus. Para tanto, busca-se compreender como a prática e a teoria da CI podem contribuir para a

---

<sup>1</sup> Infelizmente, Alexandre faleceu de forma repentina durante a aprovação deste trabalho e poucas semanas antes de defender sua dissertação, intitulada "Audiodescrição das esculturas do Largo da Gente Sergipana: um recurso de inclusão e acessibilidade às representações das manifestações culturais", no mestrado profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



inclusão de pessoas, como os deficientes visuais, no acesso à informação nas unidades que protegem, mantêm e disponibilizam artefatos culturais.

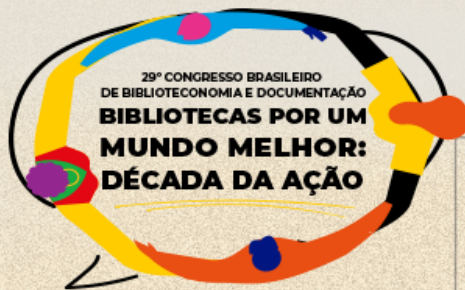
## **2 APROXIMAÇÃO TEÓRICA ENTRE AUDIODESCRIÇÃO E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

A CI é uma área do conhecimento que tem como objeto de estudo a informação, e um dos assuntos tratados na área é o acesso. Em comum ao que a CI se propõe a estudar, a AD também tem a perspectiva de disponibilizar acesso à informação, o que encabeça um elemento importante para que tanto na CI quanto na AD seja alcançado o objetivo primário: a mediação da informação.

Numa das definições clássicas de Ciência da Informação (BORKO *apud* SARACEVIC, 1996, p. 45-46), pode-se entender, em linhas gerais, que se trata de uma disciplina investigativa com foco nas propriedades, no processamento, na gestão, no acesso e no uso da informação. É possível destacar outros elementos importantes, no entanto o foco deste estudo é demonstrar pelo menos um ponto de congruência da AD com a CI. Por isso, buscaram-se na definição as questões de uso e acessibilidade da informação, evidenciando uma possível relação com o ponto central da AD, que é dar acesso à informação.

A acessibilidade, um conceito que trata do contato acessível da informação, está atrelado à base conceitual da CI, assim como está presente no objetivo da AD. A AD é um bom exemplo de acessibilidade por ser um recurso de tecnologia assistiva que pode potencializar a inclusão social de pessoas com limitações no acesso à informação de linguagem visual não verbal, beneficiando um número significativo de pessoas, principalmente aquelas com deficiência visual. Esse tipo de recurso auditivo, quando bem utilizado, permite que as pessoas tenham conhecimento sobre objetos e imagens que apresentam narrativas e são representados por determinadas linguagens e, por isso, pode ampliar as capacidades de experiência do usuário com a informação imagética.

Nessa perspectiva, a utilização da AD propicia ao vidente — pessoa com acuidade visual —, ao cego ou à pessoa com baixa visão acessar camadas do



universo simbólico por meio do sentido da audição, proporcionando autonomia para construírem seu próprio pensamento sobre aspectos socioculturais de um contexto.

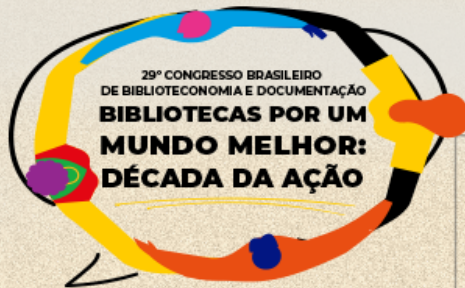
O termo audiodescrição é definido pela Portaria nº 188, de 24 de março de 2010, pelo Ministério das Comunicações. Nesse enunciado, fica evidente que a narração sonora é composta por informações relevantes para que uma pessoa com deficiência visual e/ou intelectual possa ter compreensão sobre algo (BRASIL, 2010). Portanto, a AD pode ser entendida como uma atividade de tradução da linguagem visual não verbal para a verbal oral, sendo realizada de forma clara e objetiva para atender às necessidades informacionais dos indivíduos. No geral, a AD se concentra em identificar e descrever o que se vê, preferivelmente sem juízo de valor do narrador sobre o objeto ou evento que está sendo descrito.<sup>2</sup>

Uma definição importante para este estudo é a de Motta e Romeu Filho (2010), que caracterizam a audiodescrição como uma atividade de mediação: “[...] uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar” (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010). Além do elemento de mediação trazido pelos autores, essa definição propicia outras percepções acerca da AD. Por exemplo, a reflexão sobre aspectos de inclusão social aponta para a abrangência que a AD pode ter como recurso de acesso à informação. Dessa forma, ações que propiciem a inclusão social são imprescindíveis em um país com desproporcionalidade social aguda, sob a perspectiva de renda, de gênero e de raça, como o Brasil.

Essa noção de inclusão social na AD, voltada para atender à necessidade do indivíduo que precisa de informação — inclusive para poder exercer seu papel de cidadão —, também é discutida no contexto da dimensão social da CI. O surgimento dos estudos sobre o uso da informação no contexto social e a atenção às questões colocadas pela necessidade de acesso dos usuários da informação já são observados por autores como Saracevic (1996), Capurro (2003), entre outros, tornando-se uma discussão assertiva nesse âmbito.

---

<sup>2</sup> Vale destacar que as técnicas descritivas para gerar a audiodescrição também podem ser aplicadas a sistemas de linguagem não sonoros. Por exemplo, para a descrição de imagens estáticas em livros por meio da escrita em braille.

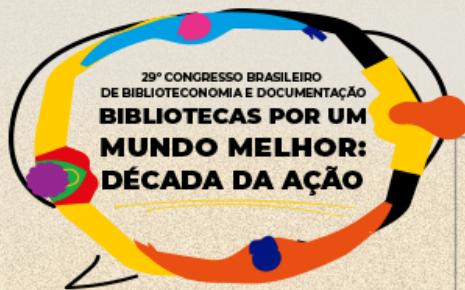


Em outras palavras, as ações que visam a inclusão social para o acesso à informação no campo visual podem ser um caminho produtivo para subverter as barreiras e gerar equidade social, equiparando, inclusive, condições de acesso entre cegos e videntes. As pessoas com dificuldades no sentido da visão precisam de aparatos tecnológicos para acessar conteúdos, e, na ausência deles, precisam da experiência do olhar de terceiros para ter acesso e construir seu pensamento. Nesse contexto, Almeida Júnior (2015, p. 11) explica que, na mediação da informação, “somos dependentes dos outros na construção de nosso conhecimento”, ou seja, para todos os indivíduos e principalmente para aqueles com limitações no acesso, torna-se necessário estabelecer relações com outras pessoas para construir o conhecimento.

Em exposições de artefatos culturais, realizadas em museus ou galerias, por exemplo, a falta de acessibilidade à informação do campo imagético coloca as pessoas com deficiência visual em um patamar excludente do ponto de vista informacional. A pessoa sem o estímulo da visão deixa de ter acesso ao mundo imagético quando não existe atividade mediada por um audiodescritor ou um educador cultural. Ou seja, não ter alguém que descreva o objeto ou a cena, no caso de pessoas com deficiência visual e/ou intelectual, constitui uma barreira de acesso, uma experiência de exclusão do sistema sociocultural.

Portanto, compreende-se que existe uma relação de proximidade da audiodescrição com a mediação da informação, já que ambas se ocupam de dar condições de acesso à informação para os usuários. Nesse sentido, acolhe-se o entendimento de que a mediação da informação é reconhecida pela ação de interferência do profissional da informação como mediador na construção do conhecimento e do aprendizado das pessoas. Essa compreensão advém do conceito amplamente difundido por Almeida Júnior, que explicita, ainda, a mediação da informação como uma ação de interferência realizada por um profissional da informação que envolve pessoas em um processo que visa tensões para que se possam gerar novas necessidades, novas mediações (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

A atividade de mediação da informação no âmbito da CI é comumente realizado em arquivos, bibliotecas, museus e demais unidades de informação, com intuito de

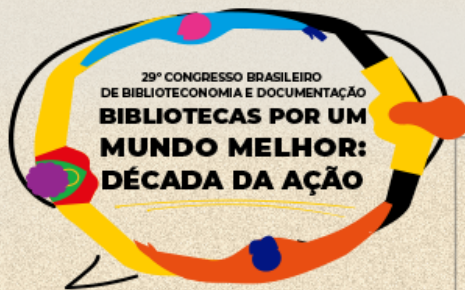


apropriar e atender a necessidade informacional dos usuários. Para Almeida Júnior (2015), a informação é um elemento de satisfação momentânea e parcial para o sujeito que dela necessita. Isso quer dizer que, à medida que entram novas informações no repertório do sujeito, surgem também conflitos que ensejam novas necessidades informacionais, e isso caracteriza a mediação como um processo que a todo momento volta ao início, como uma cadeia cíclica. Desse modo, a mediação deve ser entendida como um processo dinâmico que está a todo momento em construção, já que a sua momentaneidade de satisfação caracteriza a ciclicidade do processo mediador, não se esgotando os questionamentos, as dúvidas e as incertezas, dando espaço ao surgimento de conflito.

Já a audiodescrição e sua relação com a Ciência da Informação, especialmente no acesso à informação em exposições culturais, podem ser amadurecidas no domínio da extensão da mediação cultural. Ressalta-se que a AD é definida por Davallon (2007, p. 4) como uma interface que permite a apropriação de objetos culturais por determinado público. Os espaços de produção e manifestação cultural são ambientes propícios à mediação da informação, já que a cultura exerce um papel social importante para o desenvolvimento e para a formação dos indivíduos em uma sociedade.

A experiência do indivíduo em uma exposição museológica é considerada um “conjunto total de aprendizagens, emoções, sensações e vivências experimentadas como resultado da interação com os objetos, as ideias, os conceitos, os discursos e os espaços dos museus” (SILVA, 2007, p. 58). Dada essa importância, a informação em atividades culturais precisa estar acessível a todos os públicos.

Rasteli e Cavalcante (2014, p. 49) expõem que “a mediação cultural pode estabelecer-se como facilitadora do encontro entre as artes”. E, de todo modo, a mediação cultural diz respeito também à aproximação entre o indivíduo e a obra de arte, seja ela um quadro, um livro, uma pintura, uma escultura, um objeto, entre outros. Quer dizer que a mediação inserida na área cultural propicia o acesso e a apropriação por parte do sujeito em exposições, manifestações e eventos, do mesmo modo que a AD opera como recurso assistivo. Portanto, tanto a AD como a prática de mediação cultural permitem para as pessoas o acesso à informação. Nesse sentido, o propósito da mediação cultural de facilitar a compreensão e a construção do conhecimento pode



ser visto também como uma maneira de democratizar o acesso para o indivíduo com deficiência visual e/ou intelectual, alinhando-se com o objetivo da AD.

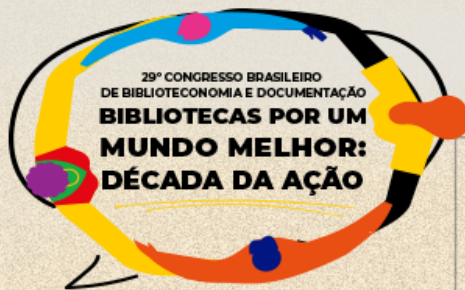
### 3 MÉTODO DA PESQUISA

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental. Optou-se neste trabalho pela análise de caráter qualitativo. A pesquisa contou com o apoio principal dos textos indicados para leitura na disciplina optativa de Mediação da Informação em Unidades de Informação e Demais Organizações (PPGCI0028), ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe. Ao todo, nessa disciplina foram indicadas seis fontes<sup>3</sup> de leitura, nas quais os autores abordavam aspectos da mediação da informação, tais como conceito, característica, atores envolvidos, tipos de mediação, relação com a competência em informação, mediação oral nas organizações e mediação cultural e editorial.

A partir da leitura e da seleção do material indicado, buscaram-se, também, pontos de convergência nas discussões em sala e nos diálogos nos encontros de orientação para o desenvolvimento da dissertação de nossa autoria, com intuito de potencializar a reflexão acerca da possibilidade frutífera de associação da mediação da informação com a audiodescrição. Logo, o trabalho baseou-se na análise dessas leituras e em outras experiências, incluindo conversas com pessoas envolvidas na área cultural, a observação de práticas de mediação e acessibilidade em espaços culturais e a ampliação das fontes bibliográficas (CALDAS; RASTELI, 2017; GOMES, 2014; RASTELI, 2019, e outros), relevantes para a geração do conhecimento, no sentido de selecionar conceitos, estabelecer relação e gerar ideias para aprofundamento deste estudo.

---

<sup>3</sup> Guaraldo e Porém (2015), Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014), Nascimento, Moro-Cabero e Valentim (2015), Rasteli e Cavalcante (2014), Fachin (2013) e Almeida Júnior (2015).

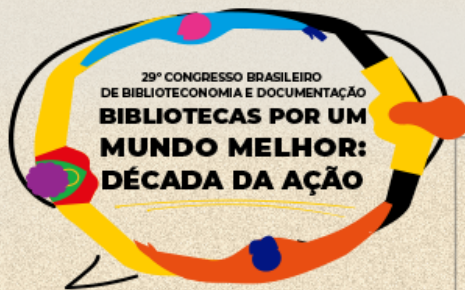


## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base no que foi exposto no item anterior, foi possível perceber que a mediação da informação pode ser incorporada ao tema da audiodescrição, visto que o conhecimento é sempre algo mediado a partir da interferência do mediador da informação, como é colocado pelos autores consultados. Assim, percebe-se que o indivíduo em geral é mutuamente dependente dos outros indivíduos no processo de construção do conhecimento, e, dessa forma, nota-se que uma relação concreta da AD no âmbito da mediação da informação é a apropriação momentânea da informação pelos indivíduos.

Ressalta-se que a AD, assim como a mediação da informação, não deve consistir de ações capazes de esgotar o conhecimento, pois trata-se de um olhar, de uma perspectiva que envolve o recorte efetuado por um audiodescritor e/ou mediador. A construção do conhecimento, como explicita Almeida Júnior (2015), é um processo constante e “inacabado”: quanto mais se tem informação sobre um determinado assunto, mais dúvidas/conflitos surgem, o que provoca essa sensação de fenômeno não finalizado — cíclico. Nesse sentido, a AD deve ser uma possibilidade dentre outras vias que tornam acessível a informação para pessoas.

Nessa perspectiva, é notória a relevância social da incorporação da AD às atividades de mediação da informação no âmbito das diversas unidades informacionais, inclusive aquelas que trabalham na perspectiva cultural/artística, como é caso dos museus. Para a AD ser de fato considerada uma prática de mediação, especificamente no âmbito de uma unidade de informação, é importante que haja um trabalho coletivo envolvendo diferentes profissionais a depender da modalidade de audiodescrição (gravada, ao vivo roteirizada, ao vivo não roteirizada, descrição de imagens dinâmicas e descrição de imagens estáticas, segundo a classificação mais corrente), escolhida conforme a adequação aos diferentes eventos a serem descritos. Para a AD gravada de objetos museológicos, por exemplo, são necessários ao menos um roteirista (uma pessoa vidente que tenha conhecimento sobre o assunto a ser descrito), um consultor (pessoa com deficiência visual que irá atestar e avaliar a qualidade da audiodescrição), um locutor (para a realização do



processo de gravação da descrição) e profissionais que trabalham com as tecnologias necessárias para a produção do áudio.

Ressalta-se que o roteirista e o consultor com deficiência visual, cada qual com sua função no processo, precisam ter conhecimento sobre as técnicas de audiodescrição para que possam realizar um trabalho de qualidade, que atenda às expectativas do público que irá usar o serviço. No entanto, para o roteirista, sobretudo, o conhecimento e a experiência pessoal acerca do que está sendo audiodescrito pode ser imprescindível, no sentido de tornar a narrativa mais humanizada e menos mecanizada, contribuindo para despertar o interesse da pessoa ouvinte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

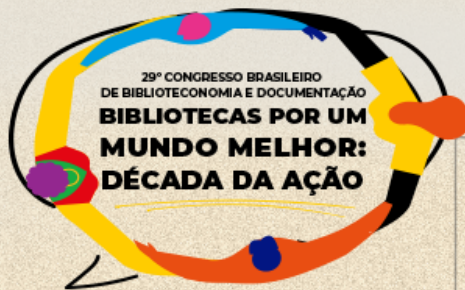
A técnica da AD age como um instrumento de mediação para a construção do conhecimento, tendo o objetivo de propiciar o acesso à informação e permitir que as pessoas possam desenvolver apropriação e competência em informação, ainda que de forma parcial. A parcialidade não significa que a informação seja dada pela metade ou de maneira incompleta, mas que o acesso a novos conhecimentos gera no indivíduo a necessidade de novas informações, tornando o processo sempre cíclico, como já é de característica do próprio processo de mediação da informação. De toda maneira, foi compreendido neste estudo, a partir dos apontamentos teóricos e dos diálogos ao longo da pesquisa, que na AD há, de fato, um processo que pode ser associado à mediação da informação no campo da CI.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. Mediação da Informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

BELLUZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014.





BRASIL. Ministério das Comunicações. **Portaria n. 188, de 24 de março de 2010.** Estabelece recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, aprovada pela Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. Brasília, 24 de março de 2010. Disponível em: [http://www.mc.gov.br/images/2011/6\\_Junho/portaria\\_188.pdf](http://www.mc.gov.br/images/2011/6_Junho/portaria_188.pdf). Acesso em: 10 maio 2021.

CALDAS, Rosangela Formentini; RASTELI, Alessandro. Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira. **TransInformação**, Campinas, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/sT7BgvR9P7QbGhF4wK77Pyf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2021.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 10 nov. 2003. **Anais...**, Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm). Acesso em: 20 nov. 2020.

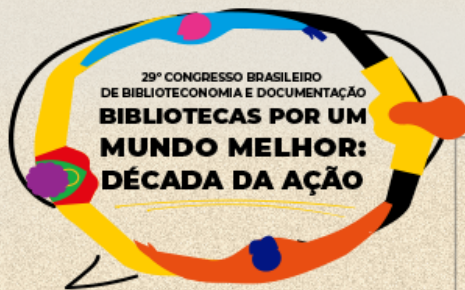
CONCEIÇÃO, Tamires Neves. **A tecnologia audiovisual através da informação audiodescritiva: uma perspectiva da Ciência da Informação.** 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22999>. Acesso em: 23 set. 2021.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma: Revista de Ciências da Informação e da Comunicação.** n. 4, 2007. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2100/3046>. Acesso em: 10 maio 2021.

FACHIN, Juliana. Mediação da informação na sociedade do conhecimento. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/3096>. Acesso em: 1 abr. 2022.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45870>. Acesso em: 10 maio 2021.

GUARALDO, Tamara de Souza Brandão; PORÉM, Maria Eugênia. A mediação oral nas organizações: *Storytelling* em Relações Públicas e Publicidade. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação Oral da Informação e da Leitura.** Londrina: Abecin, 2015. p. 255-270.



MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; ROMEU FILHO, Paulo (org.). **Audiodescrição transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, Natália Marinho do; MORO-CABERO, Maria Manuela; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Mediação da Informação em Ambientes Empresariais com enfoque nos fluxos de informações. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO, 2., Marília, maio 2015. **Anais [...]**, Marília: UNESP, 2015.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr., 2014.

RASTELI, Alessandro. **Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais**. Marília: Unesp, 2019. 276 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

SARACEVIC, Tekfo. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Revista Ciência da Informação**, 1996.

SILVA, Susana Gomes da. Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. *In*: BARRIGA, Sara; SILVA, Susana Gomes da (coord.). **Serviços Educativos na Cultura**. [S. l.]: Setepés, 2007. (Coleção de Públicos, n. 2). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/27108437/Colecao-Publicos-Servicos-Educativos#download>. Acesso em: 1 abr. 2022.